

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS
DE LINGUAGENS**

ANCEL QUARESMA AFONSO AJUPATE

**O EMBONDEIRO QUE CONTAVA ESTÓRIAS DAS SAVANAS
AFRICANAS**

CAMPO GRANDE

Agosto – 2019

ANCEL QUARESMA AFONSO AJUPATE

**O EMBONDEIRO QUE CONTAVA ESTÓRIAS DAS SAVANAS
AFRICANAS**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Estudos de
Linguagens, da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul, sob
a orientação da Prof.^a Dr.^a Angela
Maria Guida.

Área de Concentração: Teoria
Literária e Estudos Comparados.

CAMPO GRANDE

Agosto – 2019

ANCEL QUARESMA AFONSO AJUPATE

**O EMBONDEIRO QUE CONTAVA ESTÓRIAS DAS SAVANAS
AFRICANAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Faculdade de Artes, Letras, e Comunicação, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Teoria literária e estudos comparados

Linha de Pesquisa: Literatura e memória cultural

Orientador: Prof.ª Dr.ª Angela Maria Guida

Campo Grande, MS, 16 de agosto de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Angela Maria Guida (Orientadora/Presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



Prof. Dr. Edgar César Nolasco dos Santos (Titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGMEL– UFMS



Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGEDUMAT – UFMS

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001".

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação de mestrado representa, para mim, a conclusão de mais uma etapa da minha vida acadêmica. Desde a graduação, tive sonho de fazer mestrado e posteriormente o doutorado. Hoje esse sonho se tornou realidade. Por isso agradeço na minha língua materna Barran (manjaca) que significa obrigado. Aos meus ancestrais, *ussais*, *baluckumums*, sabendo que estes espíritos me acompanham na minha caminhada neste mundo das incompreensões segundo dizem *papahs* (velhos) e o meu pai também falava isso para mim.

Agradeço a minha professora e orientadora profa. Dra. Angela Maria Guida que, ao longo desse percurso, sabiamente soube orientar para que esta etapa pudesse chegar ao fim. A única palavra que posso expressar nesse momento é gratidão.

Aos meus pais. Eu falo que tenho quatro pais, logo cedo fui para casa da minha tia, fui educado por ela e o marido, Lucinda Luís Ampa, Euclides Vitor dos Santos, e aos pais biológicos, Djenabu Lopes e Quaresma Afonso Ajupate.

Agradeço aos membros da banca, ao professor Dr. João Ricardo Viola dos Santos que na qualificação foi tão generoso e atencioso. Suas contribuições ajudaram bastante para a conclusão desta etapa. Em especial ao professor Dr. Edgar Nolasco, quem me fez descobrir o que é falar do *bios*. Durante suas aulas, tocou minhas sensibilidades que estavam no meu subconsciente e me apaixonar pelos estudos culturais e pós-coloniais na perspectiva decolonial. Obrigado professor pelo convívio nestes dois anos de mestrado.

Agradeço minha conterrânea e colega de mestrado Betinha Yadira pelas conversas e trocas das ideias sobre mestrado e também ao Tiago O. Linhar, Iago e Aline.

Agradeço aos meus amigos e colegas de convivência em Goiânia: Malam, Jordão, Helnicardia(Lola), Francisco (Tchico), Emerson, Morgan, entre outros que não mencionei. Agradeço imensamente ao Marcelo Aratum “Doc”, com quem conversei muito sobre academia, religião, política e de tudo .

Agradeço aos meus irmãos Galileu, Cir e Vladimir pelas conversas e encorajamento.

Agradeço professor Dr. Elismauro da UFG e Professor mestre Silveira da UEG, por terem me ajudado durante do período da entrega de documentos no mestrado de estudos de linguagens UFMS, com a carta de recomendação.

Agradeço meu amigo e irmão Gildo que o percurso de mestre em Campo Grande, me deu.

Agradeço conterrâneo Francisco que me recebeu em Campo Grande e comunidade africana de Campo Grande (MS)

Agradeço a todos os professores do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e especialmente aqueles com quem convivi durante as aulas das disciplinas obrigatórias e optativas: Angela, Rosana, Márcia, Ramiro, Nolasco e Alonso.

À CAPES que contribuiu financeiramente com a minha pesquisa, meu muito obrigado.

À UFMS que tem sido a minha casa durante este período e à coordenadora do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, Elizabete Aparecida Marques pelos auxílios prestados durante este processo. Muito obrigado!

DEDICATÓRIA

À
Lucinda Luís Ampa,
Euclides Vitor dos Santos,

*Djenabu Lopes,
Quaresma Afonso Ajupate.*

*Há sempre um negro, um judeu, um chinês, um mongol, um ariano no delírio,
pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças.*

Deleuze *apud* Mbembe

*Se Ngunga¹ está em todos nós, que esperamos então para o fazer crescer?
Como as árvores, como o massango e o milho, ele crescerá dentro de nós se o
regarmos. Não com água do rio, mas com ações. Não com água do rio, mas
com a que Uassamba em sonhos oferecia a Ngunga: a ternura.*

Pepetela

¹ Jovem guerrilheiro protagonista do primeiro livro publicado do escritor angolano Pepetela, em 1972, chamado *As aventuras de Ngunga*, romance que denuncia o colonialismo português.

RESUMO

Pretendi, com esta dissertação, discutir questões de identidade e diferença cultural, sob uma perspectiva descolonial, a partir, sobretudo, da problematização do termo raça ou racialização. Na esteira de Achille Mbembe, defendo que o termo raça foi criado para reforçar o colonialismo eurocêntrico sobre povos colonizados que não eram europeus nem brancos. Busquei discutir a relação entre negritude e racialização. No início do séc. XX, a expressão negritude ainda possuía um caráter pejorativo, sendo utilizada como forma de ofender o negro, uma espécie de xingamento. Aimè Césaire, poeta da Martinica, por volta de 1935, junto com outros escritores africanos conferiu ao termo negritude outra conotação – movimento de recuperação da autoestima do negro, que foi negada durante tanto tempo, em virtude sobretudo da colonialidade do ser. Assim, nesta dissertação, procurei discutir questões relacionadas à identidade, diferença cultural, racialização, colonilidade linguística, memória cultural, crítica biográfica, norteando-me sempre pelos princípios da decolonialidade. Ainda tentei demonstrar como os efeitos perversos da colonialidade do poder, do saber e do ser se fazem presentes, bem como acenar para uma possível mudança de rota a partir dos estudos decoloniais. Busquei alcançar meu propósito dialogando com dois contos de Mia Couto, extraídos do livro *Cada homem é uma raça*, bem como com textos de teóricos e filósofos como Achille Mbembe, Walter D. Mignolo, Frantz Fanon, Edgar Nolasco, Aimè Césaire, entre outros.

Palavras-chave: Diferença cultural; Decolonialidade; Colonialidade linguística; Racialização.

RUSÚMO

M'isti ku es dissertaçon (ou es tarbadju) papia di queston di identidade i diferença, na prespetiva di muda manera di pensa, i ainda na busca discuti termo raça ou racializaçon, pa difindi posison di manera ki dominaçon criado pa reforça imperialismu di governu di eropa sobre pobos ku colonizados i ku ka cedu eropeus i nin brankus. Ainda na discuti ralaçon di négritudi i racializaçon na inicio de século XX, es termo negritude tené ba sintidu negativu, ita usado ba koba negros. Aime Cèsaire ki pueta de Martinica na ano 1935, el ku si kumpanheris é fala di negritude utru sintidu ke ka sedu negativu pa pobo africanu ku no ermons ku sta fora di Afrika . Nes tarbadju nha intençon i discuti purblemas ku sta relacionado ku identidade, diferença di cultura, racializaçon, colonialidade de linguística (papia língua di utru) mimória i critica de biografia, pa pudi mostra malis di colonialidade di poder, e pa mostra di kuma i possível sai nes kussas ruin pa kaminhu di muda manera di pensa . Pan ´alcança es objetivo na busca conbersa ku obras di literatura e ku filosofia pa pudi da força ah es tarbadju. Na tissi dus istoria di Mia Couto ki tiradu na livro : Cada homi i um raça, tabi na tissi textos di pensaduris i filósofos suma Achille Mbembe, Walter Mignolo, Frantz Fanon, Edgar Nolasco, Aimè Cèsaire, i utrus.

Palabras - tchabi: ke ki djutanu, Diferença, Muda manera di pensa, Língua, Raça.

RÉSUMÉ

Avec cette thèse, j'ai l'intention de discuter des questions d'identité et de différence culturelle, d'un point de vue décolonial, à partir de la problématisation du terme race ou racialisation. Après Achille Mbembe, je soutiens que le terme de race a été créé pour renforcer le colonialisme eurocentrique au détriment des peuples colonisés qui n'étaient ni européens ni blancs. J'ai cherché à discuter de la relation entre noirceur et racialisation. Au début du siècle. XX, l'expression négritude avait toujours un caractère péjoratif, servant à offenser le nègre, une sorte de malédiction. Aimé Césaire, un poète martiniquais, vers 1935, ainsi que d'autres écrivains africains, conféra au terme de négritude une autre connotation: un mouvement pour recouvrer l'estime de soi du nègre, qui fut longtemps nié, principalement à cause de la colonialité de l'être. Ainsi, dans cette thèse, j'ai essayé de discuter de questions liées à l'identité, aux différences culturelles, à la racialisation, à la colonisation linguistique, à la mémoire culturelle, à la critique biographique, toujours guidées par les principes de la décolonialité. J'ai pourtant essayé de montrer comment les effets pervers de la colonialité du pouvoir, du savoir et de l'être sont présents, ainsi que d'appeler à un éventuel changement de voie par rapport aux études décoloniales. J'ai cherché à atteindre mon objectif en discutant avec deux nouvelles de Mia Couto, extraites du livre Chaque homme est une race, ainsi que des textes de théoriciens et de philosophes tels que Achille Mbembe, Walter Dignolo, Frantz Fanon, Edgar Nolasco et Aimé Césaire, entre autres.

Mots-clés: Différence culturelle; La décolonialité; Colonialité linguistique; Racialisation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Minha Mãe Djenabu Lopes.....	14
Figura 2 – Meu pai Quaresma Afo.....	14
Figura 3 – Eu Ancel Q. A. Ajupate.....	14
Figura 4 - Minha tia Lucinda L. Ampa.....	14

Sumário	
ONDE TUDO COMEÇOU.....	08
REFERÊNCIAS.....	15

COMO TUDO COMEÇOU...

O que queremos dizer com a palavra diferença? Por que ela está tão naturalizada? E o que devemos fazer com a diferença? [...] Por que é que achamos que a diferença é um problema? Por que ela não é simplesmente um fato da realidade? A diferença é um problema apenas se acreditarmos que a uniformidade é o estado normal das coisas.

Achille Mbembe

Em 2016, o filósofo camaronês Achille Mbembe, concedeu uma entrevista² à professora alemã Katharina von Ruckteschell-Katte, na qual se perguntava – “Por que julgamos que a diferença seja um problema?” – Mbembe (2016) identifica no processo de colonização e, por conseguinte, o racismo, o combustível para manter acesa a chama da diferença, isto é, as raízes se encontram no processo violento de conquista de outros povos. Tanto na África, quanto na América e na Ásia são alarmantes o número de vítimas durante o processo de colonização para que a Europa pudesse exercer todo seu poderio sobre os não-europeus ao longo dos tempos.

Para Mbembe, precisamos nos livrar da crença de que as diferenças são naturais, pois elas não são; pelo contrário, são construídas com o objetivo de hierarquizar os povos e ditar que há povos e raças superiores a outras. “No momento em que começamos a fazer classificações, institucionalizar hierarquias em nome da diferença, como se as diferenças fossem naturais e não construídas, acreditando que são imutáveis e, portanto legítimas, aí sim estamos em apuros” (MBEMBE, 2016, p. 1).

Motivado por leituras dessa natureza, proponho, com esta dissertação produzir uma abordagem que possa refletir sobre o processo de racialização e decolonialidade tentando, em especial, pensar, sobretudo, junto com o filósofo Achille Mbembe, por que razão a diferença se constitui como um problema ainda hoje em pleno século XXI. Busco trazer para as discussões os intelectuais que (re) pensam a condição do sujeito subalternizado pelo viés da decolonialidade, como Walter D. Mignolo, Aníbal Quijano, Achille Mbembe,

² A entrevista pode ser conferida na íntegra no sítio: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/eps/20885952.html>

Boaventura de Souza Santos, porque o pensamento desses intelectuais, a meu ver, possibilita a elaboração de uma pesquisa mais comprometida com questões sociais, culturais políticas e econômicas que nos (me) afetam todos os dias. Desse modo, creio que minha proposta de pesquisa se inscreve num lugar de resistência, posto que ela tem por finalidade retirar o sujeito colonizado dos fantasmas que a epistemologia europeia estabeleceu em relação ao povo não europeu.

Interessei-me por discutir questões como: diferença, identidade, colonialidade linguística, isto é, a língua como ferramenta de dominação, como é, no caso do povo guineense – a língua portuguesa. Essas discussões, eu as faço basicamente nos dois primeiros capítulos, pois, no terceiro capítulo, a partir da **memória revivida de Mia Couto**, africano como eu, numa perspectiva da crítica biográfica, discuto a questão do *bíos*. Meu *corpus* literário se resume a dois contos de Mia Couto. Pretendo dialogar com estas duas narrativas que, a meu ver, elucidam questões, de identidade e diferença, bem como o problema entre colonizador e colonizado de maneira fabulosa. Os contos escolhidos são: “O embondeiro que sonhava pássaros” e “A princesa russa”. Eles se encontram presentes na obra e – *Cada homem é uma raça*.

Em nome da diferença se classificam seres humanos de superior, inferior, selvagem, (in) civilizados, centro, periferia, mata-se em nome da diferença, pratica-se racismo em nome da diferença e assim por diante... A diferença cultural induz criar separação, cercar as nossas fronteiras com arames farpados contra algo que vem de fora ou alguém. A reflexão de Mbembe a respeito da diferença nos leva a pensar que é algo que você não tem e que o outro tem, portanto esta coisa que não está em mim e que está no outro, na maioria das vezes, fortalece o preconceito, sobretudo racial. Para Mbembe “O reconhecimento da diferença requer esforço cultural, mas requer também trabalho político, trabalho institucional (MBEMBE, 2016, p. 01)”. É um esforço conjunto e a universidade não pode ficar de fora disso, por isso, disse que meu trabalho se inscreve no plano da resistência e tentarei demonstrar isso ao longo dos três capítulos que compõem esta dissertação.

No primeiro capítulo, intitulado – **Racialização e decolonialidade** – de ordem mais conceitual, apresento a discussão teórica que me auxiliará no

diálogo com os textos de Mia Couto – “O embondeiro que sonha pássaros” e “A princesa russa”. Todos os contos do livro *Cada homem é uma raça* me parecem interessantes, mas esses dois, em especial, acredito que vão me ajudar melhor a compreender um pouco sobre questões ligadas a racialização, colonialidade do poder, decolonialidade, diferença, identidade e tantos outros temas que vêm à tona quando se discute produções narrativas de povos colonizados. Assim, a discussão do primeiro capítulo envolve questões de racialização e colonização, uma vez que a colonização subalterniza povos colonizados. Minha reflexão parte dos questionamentos em torno do termo “negritude”, pois creio que esse termo possa potencializar minha reflexão em torno da raça e das outras questões que me interessa discutir nesta pesquisa

O segundo capítulo intitula-se **Colonialidade linguística: com que língua eu vou?** Nesse capítulo, abordarei a questão da colonialidade da linguagem, que pautarei por uma perspectiva decolonial. A língua, sem dúvida, é um importante recurso de dominação e de exclusão social. Usarei dois textos que serão a base para minha discussão sobre a colonialidade da linguagem. São eles: “Língua que não sabemos que sabíamos” e “A lusofonia entre viagens e crimes”, que estão no livro de ensaios de Mia Couto que se intitula, *E se Obama fosse africano?* O outro é “O negro e a linguagem” de Frantz Fanon, que se encontra presente em um dos livros que mais me marcou em minha vida acadêmica – *Pele negra máscaras brancas*. Falar da colonialidade linguística é falar de mim como sendo sujeito colonizado, que sofreu a colonização linguística e isso envolverá também meu *bios*. Também foi muito significativo o contato com poemas e ensaios da escritora da Guiné-Bissau – Odete Semedo.

No terceiro capítulo, intitulado **Memória revivida de Mia Couto que encontra meu bios**, realizei um desarquivamento meu entrelaçado à narrativa do escritor moçambicano, afinal, esta narrativa compõe meu *locus* geostórico. Para isso, vou me valer das reflexões de Jacques Derrida em *Mal de arquivo* e de outros autores que abordam essa temática. A crítica biográfica na obra de Couto me ajudará (des) arquivar o fantasma colonial incorporado sobre o lugar que incomoda e esse lugar é a África. Tomo isso como um desafio do intelectual colonizado e subalternizado e falando do lugar visto como a

margem. As narrativas de Mia Couto levantam problemas cruciais no que diz respeito a questões de colonialidade e preconceito racial, problemas característicos das ex-colônias portuguesas. Acredito que a relevância da minha pesquisa é contribuir com algumas reflexões sobre aquilo que Fanon assinala de séculos de incompreensão da nossa humanidade.

Os dois contos de Couto que escolhi me permitem discutir o lugar da literatura como também um espaço político, ressaltando a necessidade de trazer para a universidade e para as aulas de literatura discussões relevantes no que diz respeito ao local de onde se fala e sobre aspectos da raça, de seres humanos. Mia Couto, em suas narrativas, chama a atenção para a problemática que foi a colonização, bem como a luta da libertação nacional moçambicana, o que me faz lembrar as lutas nacionais das outras colônias portuguesas no continente africano, em particular, do meu País Guiné-Bissau que passou 11 anos da luta armada para se libertar do colonialismo português.

A iniciativa em desenvolver esta pesquisa surgiu quando comecei a cursar as disciplinas obrigatórias como requisito que faz parte do programa de mestrado em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e me vi diante da impossibilidade de continuar o meu projeto original que era da área de linguística. Fui informado que tinha que fazer outro projeto, desta vez, direcionado à área de Literatura. Em sala, na aula de teoria da narrativa, da professora Angela Guida, ela havia me perguntado qual era meu livro de cabeceira? Falei que era *Pele negra, máscara branca*, do escritor da ilha da Martinica, Frantz Fanon, então ela me sugeriu que eu desenvolvesse uma pesquisa que ligasse literatura a questões de identidade e diferença e me indicou o poeta Aimé Césaire e Mia Couto. Depois, me apresentou *Crítica da razão negra*, de Achille Mbembe, o filme *Vênus Negra* e tantos outros textos importantes para discutir racialização e decolonialidade e assim vi o que antes era só o esboço de um meu projeto, tomar corpo, forma e se encaminhar para uma pesquisa de fato, como tentarei demonstrar nesta dissertação.

Através da minha reflexão sobre o título do livro *Histórias locais/ Projetos globais de* (MIGNOLO), emergiu em mim o desejo e/ou necessidade de fazer uma abordagem sobre a minha travessia do atlântico da costa africana (Guiné-Bissau) até do outro lado do atlântico Brasil. Assim, antes de começar a

discussão do primeiro capítulo, julgo importante falar um pouco da minha travessia oceânica.

No dia 1 de fevereiro de 2009 sai da Guiné-Bissau, passando pelo Senegal, Cabo-Verde e depois cheguei ao território tão sonhado – Brasil (Fortaleza) e depois de horas segui para meu destino. Fiz escala em Brasília e depois segui para Goiás e de lá segui meu destino final São Luís Montes Belos, onde iniciei o meu curso em letras português inglês pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. Depois de um ano, fiz transferência para Universidade Estadual de Goiás-Anápolis, onde conclui o meu curso de letras em 2012.

A partir do meu *lócus* de enunciação, Brasil (BR), Campo Grande, Mato Grosso Do Sul (MS), é pertinente falar de mim e da minha trajetória, portanto, quero falar de mim, pois, falar de nós é tarefa muito árdua e que exige mais esforço do crítico biográfico, para que possa fazer uma abordagem desejada. Por isso, tudo começa com Ancel Quaresma Afonso Ajupate nome oficial, e também conhecido pelo nome “*Batec*”. *Batec* foi nome colocado por colegas e amigos, da Ilha de Jeta, mais por questão de zoeira e acabou pegando. Ancel Quaresma Afonso Ajupate é meu nome de batismo. Nasci no 05 de outubro de 1986, no norte da Guiné-Bissau, região de Cacheu, concretamente na ilha de Jeta (Téer) a forma que é chamado pelos seus habitantes).

Nasci numa família grande, numa casa chamada “*Upat*” em tabanca (bairro) de *Prítt*. Origem do meu sobrenome veio do nome da casa que já citei antes - *Upat*. O verdadeiro nome É “*Adjuku upat*³”. Meu sobrenome foi escrito na minha certidão de nascimento Ajupate por escrivão e acabou ficando da mesma forma.

Entende-se que o sistema colonial português, quando tem dificuldade de pronunciar o nome de uma pessoa, eles acabam escrevendo o nome da forma que facilita a pronúncia deles e sem respeitar o direito da família de manter sua originalidade de nome que, muitas das vezes, trata-se de nomes que possuem um significado extremamente importante para a família.

Esse fato acontece na Guiné-Bissau, bem como em outros países colonizados. Por isso falo que a colonização e a violência andam juntas. Para (des) arquivar o arquivo mal preservado, da minha memória, e dos meus

³ Adjuku upat- dono de destino ou dono remo a pessoa responsável pelo seu destino.

irmãos que estão nestas condições de sujeitos subalternizados, periféricos e de terceiro-mundo, me vali do pensamento fronteiriço.

Falar de mim é falar do meu corpo subalternizado e sujeito colonizado e fico feliz em poder abordar essas temáticas que me são caras em um programa de Pós-graduação, no caso aqui, PPGEL/UFMS. Essa possibilidade de diálogo, a meu ver, já sinaliza resistência frente aos processos de colonialidade do poder, do ser e do saber. Falar de mim é também falar dos meus pais, pois deles carrego minha herança para desarquivar minhas estórias africanas nesta pesquisa. Foram eles que me deram as primeiras impressões do meu arquivo, logo, é mais do que legítimo que se façam presentes aqui corporalmente por meio das fotografias. Também não poderia deixar de trazer minha tia que tão bem me acolheu em sua morada física e no coração, a fim de que eu pudesse fazer meus estudos. Abrir as páginas desta dissertação significa, em certa medida, abrir as páginas de um álbum, o álbum que me constitui como um ser de fronteira por natureza.

*Meu filho:
onde te posso lembrar
se apenas te dei nome para te embalar ?*

*Mãe, minha mãe:
não te pese saudade
que eu voltarei sempre
como quem chega do mar.*

Mia Couto

Fig 1- minha mãe Djenabu Lopes



Fonte: arquivo pessoal

Fig 2 – Quaresma Afonso Ajupate



Fonte: arquivo pessoal

Fig 3 – Ancel Quaresma Ajupate



Fonte: arquivo pessoal

Fig 4 - Tia Lucinda L. Ampa



Fonte: arquivo pessoal

REFERÊNCIAS (OU A LISTA DOS LIVROS QUE CONTRIBUÍRAM E CONTINUARAM CONTRIBUINDO PARA QUE MEU CORPO SEMPRE SEJA UM CORPO QUE QUESTIONA, QUE SE INTERROGA...)

ANZALDÚA, Gloria. **Como domar uma língua selvagem**. Trad. Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos e Viviane Veras (revisão), *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: Difusão da língua portuguesa, nº 39, 2009: p. 297-309.

_____. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo, *Estudos Feministas*. 2000.

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AMARAL, Adriana. In: GRENADEL, Paula e Nascimento, Evandro (org.) **Em torno de Jacques Derrida**. Rio Janeiro: 7 Letras, 2000.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 12ª edição, 2004.

CAVAS, Cláudio de São Thiago, JARDIM, Gabriel de Sena. Pós-colonialismo e femininismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/33335>.

CESAIRE, Aimé. Diário de um retorno ao país natal [**Cahier d'un retour au pays natal**], de **Aimé Césaire**, trad. e estudos de Lilian Pestre. Ed. Edusp em 2012.

_____. **Discurso sobre a negritude**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/344719028/Aime-Cesaire-Discurso-sobre-a-negritude-1-pdf>. Acesso 29-09-2017.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** 1ª ed. da Caminho. 2009.

_____. **Cada homem é uma raça**. Editora: Companhia das Letras. 2013.

_____. Raiz de orvalho. Portugal: Ediotra Caminho, 1999

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. Os condenados da terra. . Rio de Janeiro, RJ: Editora, 1968.

Gordon, R. Lewis. Prefácio (in): **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... *et all.* - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: Autoficção e etnografia na narrativa latino-americano contemporânea. Rio Janeiro. 2006.

MARIANI, Bethania. **Língua, colonização e revolução**: discurso político sobre as línguas em Moçambique. Disponível: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/182> . Acesso: 10-09-2018.

Mbembe, Achille. **Crítica da Razão Negra**. N-1 edições, 2018.

_____. **Por que julgamos que a diferença seja um problema?** . Disponível: <https://www.geledes.org.br>. Acesso: 10-09-2018.

_____. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Edições Pedagogo: Portugal, 2014

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade** – o lado mais escuro da modernidade. In. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2017, vol.32, n.94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em 19 out 2018.

_____. **Histórias locais/Projetos globais** - Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução: Oliveira, Solange Ribeiro de; Área: Estudos Literários e Estudos Culturais; Coleção: Humanitas; 1ª Edição: 2003.

_____. **Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad** (antología, 1999-1014) Barcelona: CIDOB, 2015.

_____. **Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

_____. **Desafios de coloniais hoje.**

Disponível: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso: 10-07-2018.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda:** Sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. 2 edição-Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. Prefácio (in) **Discurso sobre a Negritude.** Miami:1987.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania.**

Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645505/12810> Acesso : 26-10-17

_____. Prefácio (in): **A África que incomoda:** Sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. 2º edição-Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. **O 13 de Maio, data da assinatura da Lei Áurea, faz 129 anos, mas o racismo continua insistente e recorrente no Brasil.** Disponível: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso: 01-08-2018.

NOLASCO, Edgar, César. **Memória subalternas latinas:** ensaio biográfico. In **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Memorial cultural.** 2013

_____. **Perto do coração selvagem da crítica fronteriza.** Disponível: seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/469 Acesso: 05-05-18.

OLIVEIRA. Bessa, Antônio Marcos. **A natureza compósita da crítica biográfica Eneida Maria de Souza.** Disponível: seer.ufms.br/index.php/cadec/article/download/3584/2843 Acesso: 20-05-18.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego.** Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

QUIJANO, Aníbal: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). ColecciÛnSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

Santos, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de Saberes.** Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso: 06-06-2018.

SARTRE, Jean Paul. Prefácio (in): **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora, 1968.

SILVA, Tadeu Tomaz da. **A produção social da identidade e da diferença**. Rio Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

_____. **A produção social da identidade e da diferença**. (In): SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VÉNUM Noire (2010). Direção Abdellatif Kechiche. Produção: Charles Gillibert, Marin Karmitz e Nathanael Karmitz. Roteiro: Abdellatif Kechiche e Ghalia Lacroix. Intérpretes: Yahima Torres e outros. MK2 Production. 1 filme (159 min).

SEMEDO, Odete. **Líguas esvoaçantes**. Disponível em: <http://djambadon.blogspot.com/2006/03/Ingua-esvoaante.html>. Acesso 17 out 2018.

_____. **Entre o ser e o amar**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.